
Apresentação

Um passado comum atravessado por experiências conturbadas e uma língua partilhada são fatos (históricos, linguísticos, estéticos) que definem, em grande medida, as relações literárias entre o Brasil e Portugal. As enormes diferenças que alargaram o oceano entre os dois países ao longo dos séculos criaram, ao mesmo tempo, um espaço profícuo para o exercício comparativo — e esse é campo fértil e inesgotável de reflexão.

Desde as discussões oitocentistas sobre a igualdade entre língua e literatura até a convivência amistosa a que chegamos no presente, passando pelas disputas ferrenhas reencenadas em momentos críticos como o Romantismo e o Modernismo brasileiros, a convivência entre autores dos dois lados do Atlântico é necessária, na medida em que joga água no moinho da memória cultural inscrita nessa partilha, seja ela consensual ou não. Não há como negar que as diferentes trajetórias seguidas por portugueses e brasileiros em suas viagens literárias partem, sim, de um ponto comum, mesmo que o destino de cada um seja determinado por tantas questões extraliterárias: geopolítica, movimentos sociais, revisionismos históricos. Há, mesmo

que neguemos — como deve ser — a tese da língua como determinante para a literatura, algo de inerente à memória comum dos dois países, traduzida em história, que é inescapável nessa relação. Não é necessária uma imagem de literaturas irmãs, de maternidade ou de paternidade, para que entendamos esse entrelaçamento que se mantém até os dias de hoje, formados que somos por todos os revisionismos pós-coloniais e decoloniais.

A riqueza dessa relação de mão dupla advém, em grande parte, das diferentes formas como escritores, teóricos e críticos se fizeram presentes nos espaços textuais brasileiro e português. Neste número de *Convergência Lusíada*, temos a chance de ver funcionar tão necessário exercício de comparação por meio da visita e revisitação de lugares e de palavras que unem e separam as literaturas em língua portuguesa.

Os artigos presentes no dossiê temático, portanto, analisam tanto a presença e a recepção crítica de autores brasileiros em Portugal, como a produção de autores portugueses no período em que residiram no Brasil. Há textos que, por outro lado, exercem o ofício comparatista em sua maneira clássica, traçando entrecruzamentos entre poetas ou prosadores contemporâneos, inclusive na literatura infantojuvenil, parte importante do mercado editorial dos dois países. Há também artigos que lidam com autores, brasileiros ou portugueses, inegavelmente ligados a um cânone nacional, e que são relidos aqui em chave contemporânea.

Este número da revista começa com artigos sobre dois poetas do século XIX: Cesário Verde e Álvares de Azevedo. O texto de Emílio Maciel propõe a análise da experiência moderna em “Humilhações”, uma leitura instigante acerca das mudanças de tom na lírica do poeta português. O ensaio de Cilaine Alves Cunha reflete sobre como os procedimentos presentes no poema “Ideias íntimas” revelam um sistema poético em que o eu lírico apresenta uma postura discursiva cuja marca é a ficcionalização.

Após a abertura, com Portugal e Brasil, os demais ensaios desenvolvem distintos exercícios de comparação. Tomemos os artigos de Karla Renata Mendes, João Tiago Lima, Aline Leão do Nascimento e Gilberto Gilvan Souza Oliveira, por exemplo. Ali vemos a análise de diferentes trajetórias, desde a participação da poeta Cecília Meireles em revista portuguesa, onde seus poemas foram recebidos com admiração e reconhecimento, conhecemos parte da produção de Adolfo Casais Monteiro exilado no Brasil, a prosa de Murilo Mendes sobre suas experiências em Portugal, e chegamos à contribuição do editor António de Sousa Pinto para a circulação de romances brasileiros a partir da criação da Livros do Brasil.

Já os artigos de Deyse dos Santos Moreira, de Maria Célia Martirani e de Eliana da Conceição Tolentino e Larissa Fonseca e Silva traçam comparações entre poetas como Francisco Alvim e Luís Quintais, sob o signo da melancolia, entre prosadores contemporâneos como Valter Hugo Mãe e Bernardo Kucinski, cujas obras trazem a dor e a culpa causadas por regimes autoritários, ou escritoras como Dulce Maria Cardoso e Lygia Bojunga Nunes, que se aproximam por meio de escritas que apresentam o “desvio”, conceito formulado por Jacques Derrida.

As relações da literatura com a cultura e com o ensino são contempladas nos artigos de Clarisse Dias Pessôa e de Rodrigo Paz e Nailson Monteiro, por meio de uma leitura crítica sobre a importância da literatura infantojuvenil no Brasil e em Portugal, com uma reflexão sobre cultura e identidade: a adaptação de *Os Lusíadas* para a literatura de cordel e o uso da obra épica camoniana no ensino brasileiro.

Além dos textos do dossiê temático, a edição conta com um ensaio sobre o livro de Tatiana Faia *Um quarto em Atenas* (2018), no qual Luiz Fernando Queiroz Melques analisa um modo de ver recorrente na poesia de Faia, e um artigo em que Erivelto da Silva Reis analisa a atualidade do livro de José Saramago *Ensaio sobre a cegueira*, em diálogo com a obra recente de Boaventura de Sousa Santos, *A cruel*

pedagogia do vírus, lançada em abril deste ano. A edição termina com a resenha de Cristiane Navarrete Tolomei sobre o livro *A representação do espaço e do poder em Mário de Carvalho: uma apologia da subversão*, de Márcia Manir Miguel Feitosa.

As diferentes relações propostas nos artigos desta edição abordam possíveis perspectivas de diálogo entre o Brasil e Portugal desde o século XIX e indicam que há ainda, e sempre haverá, um espaço amplo de análise comparatista entre as duas literaturas. Passemos à leitura e à reflexão que tanto nos interessa.

Andréa Sirihal Werkema

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Viviane da Silva Vasconcelos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro